

Trecho de relatório do português Luiz D'Alincourt (1826)

“Desde 1725 nos fizeram estes índios estragos lamentáveis, chegando até as vizinhanças desta cidade; e apesar das expedições dispendiosas que mandamos contra eles [...] nos assassinaram 45 homens, e nos traziam em contínuo desassossego.

Estas razões ponderosas obrigaram o governo da Província a buscar os meios mais eficazes para atraí-los a nossa amizade; e só desde o anno de 1791, em que isto se conseguiu, por um tratado feito e executado com grande pompa e solenidade, com os principais capitães Guaicurus, na capital da província, é que pudemos respirar”. (D'Alincourt, 1826 [1857], p. 361)

Fonte: FERREIRA, Andrey Cordeiro. Conquista colonial, resistência indígena e formação do Estado-Nacional: os índios Guaicuru e Guana no Mato Grosso dos séculos XVIII-XIX. Revista de Antropologia, p. 97-136, 2009. p. 120. Disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/27332/29104> .

Acesso em: 22/3/2019.

Trecho de artigo sobre os guaicurus

“Para consolidar o domínio, era preciso compreender o funcionamento das sociedades indígenas. [...] Para realizar o aldeamento dos índios e garantir sua utilização era preciso modificar os seus costumes.

[...] O objetivo do Estado colonial era criar condições para que os índios “ficassem dependentes” somente do Estado português.

[...] Assim, as relações dos colonialismos (espanhol e português) com os Guaicuru e demais índios oscilavam rapidamente da guerra à aliança política e comercial. A guerra de resistência e revolta poderia ser movida pelos Guaicuru contra os espanhóis com o apoio dos portugueses ou contra os portugueses com o apoio dos espanhóis.”

Fonte: FERREIRA, Andrey Cordeiro. Conquista colonial, resistência indígena e formação do Estado-Nacional: os índios Guaicuru e Guana no Mato Grosso dos séculos XVIII-XIX. Revista de Antropologia, p. 97-136, 2009. p. 116 e 120. Disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/27332/29104> .

Acesso em: 22/3/2019.

Trecho da dissertação de Marina Monteiro Machado

“As relações construídas eram de aliança e troca. Para os nativos era uma oportunidade para reforçar sua autonomia e tradição, garantindo que não seriam eles próprios escravizados e por fim, dariam seguimento às atividades guerreiras, elemento que fazia parte de sua cultura.

[...] Percebemos, com clareza, como os índios souberam participar ativamente do processo, fazendo escolhas e buscando a garantia de seus ideais, ainda que dentro de uma sociedade na qual sua figura era pouco valorizada.”

Fonte: MACHADO, Marina Monteiro. A trajetória da destruição: Índios e terras no Império do Brasil. 2006. Tese de doutorado. Dissertação de mestrado). Niterói: UFF. p. 21 e 26. Disponível em:
http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Dissert-2007_MACHADO_Marina_Monteiro-S.pdf . Acesso em: 22/3/2019.